

# ÍNDICE

EDITORIAL .....	5
NOVA DIRECÇÃO DA PASC .....	6
<b>CAMÕES, AINDA E SEMPRE</b>	
CAMÕES, HOJE: RAZÃO E MISTÉRIO DA CELEBRAÇÃO DOS 500 ANOS DO SEU NASCIMENTO   <b>Annabela Rita</b> .....	8
REVISITANDO <i>OS LUSÍADAS</i> A PARTIR DE ANGOLA   <b>Carlos Mariano Manuel</b> .....	13
CAMÕES: BREVES TRAÇOS DA SUA PRESENÇA NA CULTURA CABOVERDIANA   <b>Elter Manuel Carlos</b> .....	17
ECOS DO VELHO DO RESTELO NO CABO BOJADOR   <b>Fernando de Moraes Gebra</b> .....	19
ECOS DE CAMÕES NO BRASIL   <b>Humberto Schubert Coelho</b> .....	25
NOS 500 ANOS DE CAMÕES: A SITUAÇÃO DE TIMOR   <b>Ivónia Nahak Borges</b> .....	27
CAMÕES E A FALTA DE AUTOESTIMA DOS PORTUGUESES   <b>Jorge Chichorro Rodrigues</b> .....	29
ESPIRITUALIDADE CAMONIANA, A PARTIR DA SUA OBRA POÉTICA   <b>José Brissos-Lino</b> .....	32
PRESENÇA DA LÍNGUA DE CAMÕES NA GUINÉ-BISSAU   <b>Lúcio Sanhá</b> .....	36
QUANDO JOSÉ GIL ESQUECEU CAMÕES   <b>Luís de Barreiros Tavares</b> .....	37
CAMÕES, UMA INSPIRAÇÃO   <b>Luís Vieira-Baptista</b> .....	39
DECLÍNIO DO HOMEM EM CAMÕES   <b>Márcio Jean Fialho de Sousa</b> .....	42
A ÉPICA CAMONIANA EM DIÁLOGO COM AS ARTES PLÁSTICAS   <b>Paula Oleiro</b> .....	45
AGOSTINHO DA SILVA E O MUNDO IDEALIZADO POR CAMÕES   <b>Renato Epifânio</b> .....	56
A LÍNGUA DE CAMÕES: COMPANHEIRA DO IMPÉRIO COM HORIZONTE ECUMÉNICO   <b>José Carlos Seabra Pereira</b> ..	58
<b>III ENCONTRO EÇA DE QUEIROZ, 150 ANOS</b>	
EÇA DE QUEIROZ MEDIEVALISTA: O CONTO DE <i>SIR GALAHAD</i>   <b>Ana Margarida Chora</b> .....	66
A ITÁLIA EM EÇA, EÇA EM ITÁLIA   <b>Brunello Natale De Cusatis</b> .....	72
(RECORDANDO ALFREDO CAMPOS MATOS)   <b>César Tomé</b> .....	76
ALGUNS CONTOS DE EÇA DE QUEIROZ E O CONTO “JOSÉ MATIAS” EM PARTICULAR   <b>Jorge Chichorro Rodrigues</b> ..	87
A HAGIOGRAFIA QUEIROSIANA À LUZ DE JAIME CORTESÃO   <b>José Almeida</b> .....	90
EÇA DE QUEIRÓS CRONISTA: ANNABELA RITA E O ESTATUTO LITERÁRIO DA CRÓNICA   <b>Miguel Real</b> .....	95
EÇA E CONDE DE FICALHO, A AMIZADE DE UMA VIDA   <b>Paula Oleiro</b> .....	99
<b>PERSPECTIVAS SOBRE RAUL LEAL, NOS 60 ANOS DA SUA PARTIDA</b>	
DIFICULDADES DE ACESSO À OBRA LEALINA –	
A HÉTERO-ORTODOXIA DE RAUL LEAL: DA VISÃO DO ACESSO AO ACESSO À VISÃO   <b>Pedro Vistas</b> .....	108
DUAS PORTAS DE ENTRADAS NA OBRA DE RAUL LEAL   <b>Renato Epifânio</b> .....	115
O MANIQUEÍSMO TRANSCENDENTAL DE DEUS-SATÁ NA TEOMETAFÍSICA DE RAUL LEAL   <b>Samuel Dimas</b> .....	119
<b>ATÉ SEMPRE, ARNALDO DE PINHO</b>	
ARNALDO DE PINHO: DA VIDA AO PENSAMENTO   <b>Jorge Teixeira da Cunha</b> .....	130
BREVE NOTA SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DE ARNALDO DE PINHO	
PARA O ESTUDO DO PENSAMENTO FILOSÓFICO E TEOLÓGICO PORTUGUÊS   <b>António Braz Teixeira</b> .....	132
ARNALDO DE PINHO E OS ESTUDOS DO PENSAMENTO PORTUGUÊS:	
O CENTRO DE ESTUDOS DO PENSAMENTO PORTUGUÊS   <b>Afonso Rocha</b> .....	133
<b>NOS OITENTA ANOS DE JOSÉ ESTEVES PEREIRA</b>	
A CONTRIBUIÇÃO DE JOSÉ ESTEVES PEREIRA	
PARA O DIÁLOGO FILOSÓFICO LUSO-BRASILEIRO   <b>António Braz Teixeira</b> .....	140
JOSÉ ESTEVES PEREIRA E A HISTÓRIA DAS IDEIAS FILOSÓFICAS   <b>Maria de Lourdes Sirgado Ganho</b> .....	143
JOSÉ ESTEVES PEREIRA E A SUA COLABORAÇÃO NA REVISTA <i>NOVA ÁGUIA</i>   <b>Renato Epifânio</b> .....	146

## OUTROS VULTOS

ANTÓNIO PAIM   António Braz Teixeira .....	150
ANTÓNIO SARDINHA   Nuno Sotto Mayor Ferrão .....	155
CARLOS DUGOS   José Almeida .....	157
JAIME CORTESÃO   Renato Epifânio .....	159
JORGE A. H. RANGEL   António Aresta .....	160
JOSÉ ENES   Emanuel Oliveira Medeiros .....	170
TEOLINDA GERSÃO   Márcio Jean Fialho de Sousa .....	177
VASCO ROCHA VIEIRA   Jorge A. H. Rangel .....	182

## OUTROS VOOS

O EVANGELHO PORTUGUÊS EM TRANSFORMAÇÃO   Annabela Rita .....	186
FERNANDO PESSOA EM TALLINN   Duarte Branquinho .....	195
PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA, METODOLOGIA E DIDÁTICA: PERSPETIVAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM   Emanuel Oliveira Medeiros .....	196
A ARTE NA ERA DA DISTRACÇÃO   João Franco .....	200
A UNIVERSIDADE CAPTURADA: DA RAZÃO CRÍTICA AO TREINO IDEOLÓGICO   João Maurício Brás .....	204
VOLTANDO AOS “PAINÉIS”   Joaquim Domingues .....	206
DO ESPAÇO DO SILÊNCIO AO PROPÓSITO DIVINO   Marta David .....	209
ELOGIO DA NAVALHA DE OCKHAM   Paulo Ferreira da Cunha .....	210
DEAMBULAÇÕES PRÓ-LUSÓFONAS   Renato Epifânio .....	217
AUTOBIOGRAFIA 16   Samuel Dimas .....	218

## EXTRAVOO

APRESENTAÇÃO DA <i>HISTÓRIA GLOBAL DA LITERATURA PORTUGUESA</i>   Annabela Rita e Alberto Manguel .....	230
ENTREVISTA A ANNABELA RITA   Natália Constâncio .....	235

## PERIÓDICOS ETERNOS

<i>CORREIO DA PENÍNSULA OU NOVO TELÉGRAFO</i>   Pedro Vistas .....	242
--	-----

## BIBLIÁGUIO

<i>PORTUGALIDADE: IDENTIDADE, CULTURA E ALMA LUSA</i>   Renato Epifânio .....	250
<i>O SENTIDO DAS FORMAS: PÁGINAS DE ESTÉTICA LUSO-BRASILEIRA</i>   José Carlos Pereira .....	250
<i>O DIÁLOGO COM KANT NO PENSAMENTO LUSO-BRASILEIRO</i>   Mattia Riccardi .....	257
<i>A DESOLAÇÃO DO MUNDO: LEONARDO COIMBRA E MARTIN HEIDEGGER</i>   João Luís Ferreira .....	259
<i>RAIZ DI POLON: A DANÇA CONTEMPORÂNEA CABO-VERDIANA</i> <i>COMO FORMA DE EXPRESSÃO FILOSÓFICA</i>   Celeste Natário .....	263
<i>LOYAL CONSEILLER</i>   Carlos Pereira .....	264
<i>ROMANCE DE DOM DINIS – EL REY QUE (NOM) FEZ TUDO QUANTO QUIS</i>   Annabela Rita .....	268
<i>O LABORATÓRIO PROGRESSISTA E A TIRANIA DOS IMBECIS</i>   Jóni Coelho .....	269
<i>O PRINCÍPIO DO MUNDO</i>   Renato Epifânio .....	271
<i>OS IDENTITÁRIOS</i>   Jóni Coelho .....	272

## POEMÁGUIO

(NO) VENENO; PURAZER; ENTÃO NADA   António José Borges .....	64
PARA MERECEER A POESIA; PASTORAL   Joel Henriques .....	64
NÚS; SELVA DE PEDRA; ESTRELA   João Franco .....	65
SER POETA   Beatriz H. Pontes .....	106
O EREMITA; PORTUGAL   Jesus Carlos .....	129
BREVE ESCÓLIO DE AUTOGNOSE; ATÉ AO FIM DO MUNDO   Paulo Jorge Brito e Abreu .....	148
A MEUS OLHOS   Júlia Nery .....	149
MENSAGEM ENVIADA   Jaime Otelo .....	184
ACELERADA PELO FOGO; AS MÃOS   Samuel Dimas .....	228
DIZES QUE PENSAR É ESTAR DOENTE DOS OLHOS   Alexandra Barreiros .....	229
CAMÕES; MAR; ELOGIO A FRANCISCO DE SÁ-CARNEIRO; A ANTÓNIO FEIJÓ   Manoel Tavares Rodrigues-Leal .....	240

## MORADAS: CADERNO POÉTICO E VISUAL

Poemas de Zetho Cunha Gonçalves; Ilustrações de Diogo Gonçalves .....	274
---	-----

## MEMORIÁGUIO (p. 282), MAPIÁGUIO (p. 283), ASSINATURAS (p. 283), COLECCÃO NOVA ÁGUIA (p. 287)

## EDITORIAL

No trigésimo sexto número da NOVA ÁGUA, o destaque maior vai para Camões, por ocasião dos 500 anos do seu nascimento. Quando o poder político se inibe e vacila, cabe à sociedade civil, mais do que queixar-se, dizer “Presente!”. Por isso, em Novembro de 2024, o MIL (Movimento Internacional Lusófono), entretanto reeleito na presidência da PASC (Plataforma de Associações da Sociedade Civil/ Casa da Cidadania), promoveu, em parceria com mais de três dezenas de entidades cívicas, culturais e académicas, um Colóquio Luso-Brasileiro para celebrar o autor d’*Os Lusíadas*. Sem qualquer “mas” nem qualquer “desculpa”.

Sabemos que a moda “politicamente correcta” dos nossos tempos exige a expiação dos alegados “pecados” da nossa história – em particular, da história da nossa expansão marítima (como se testemunhou nas comemorações oficiais do 10 de Junho deste ano) –, mas nós, na NOVA ÁGUA, não cedemos a modas, por mais “politicamente correctas” que pretendam ser. Sem qualquer “mas” nem qualquer “desculpa”, publicamos aqui mais de uma dezena e meia de ensaios, apresentados, em primeira instância, nesse Colóquio Luso-Brasileiro, realizado em articulação com o X Congresso MIL da Cidadania Lusófona/ III Encontro do Observatório SEDES da CPLP.

Em 2023, o MIL promoveu igualmente o “III Encontro Eça de Queiroz, 150 anos”. Publicamos aqui uma selecção dos melhores textos apresentados nesse evento, que decorreu na Biblioteca Nacional de Portugal, a par de mais três séries de três textos – respectivamente, sobre Raul Leal, nos 60 anos da sua partida (textos apresentados, em primeira instância, num Seminário promovido pelo Instituto de

Filosofia da Universidade do Porto), sobre Arnaldo de Pinho, no ano da sua morte, e sobre José Esteves Pereira, por ocasião dos seus oitenta anos de vida. Isto para além da evocação de “Outros Vultos” da Cultura Lusófona – de António Paim, vulto maior da Filosofia Brasileira do século XX, António Sardinha, no centenário da sua morte, e Carlos Dugos, que nos deixou igualmente este ano, até Vasco da Rocha Vieira, que muito dignificou a nossa história recente enquanto último Governador Português de Macau.

Em “Outros Voos”, publicamos uma dezena de ensaios sobre as mais diversas temáticas; em “Extravoo”, damos o devido destaque à *História Global da Literatura Portuguesa*, entretanto lançada; em “Periódicos Eternos”, recordamos mais uma publicação relevante da história da nossa cultura; e, no “Bibliáguio”, damos o devido destaque a uma dezena de publicações recentes – incluindo aquelas que foram igualmente promovidas pelo MIL. Tudo isto sem esquecer a vertente poética, a “outra asa” da NOVA ÁGUA, que se mantém desde o início – neste número, publicamos mais de uma dezena de poemas, como sempre tem acontecido, a par da secção “Moradas: Caderno Poético e Visual”, com poemas de Zetho Cunha Gonçalves e ilustrações de Diogo Gonçalves.

*A Direcção da NOVA ÁGUA*

*Post Scriptum:* Dedicamos este número da NOVA ÁGUA a Arnaldo de Pinho, que nos deixou em Maio, e a Carlos Dugos, que partiu em Junho, recordando e agradecendo aqui a sua colaboração na nossa Revista: “Metáforas do V Império e de outras Utopias” (NA02); “Lima de Freitas e a Arte Real” (NA29); “Lusotropicalidade e o Culto do Divino Espírito Santo” (NA30).

# CAMÕES, HOJE: RAZÃO E MISTÉRIO DA CELEBRAÇÃO DOS 500 ANOS DO SEU NASCIMENTO

Annabela Rita

*Os olhos turvos para o céu levanta,  
e já no arranco extremo: – “Pátria, ao menos  
juntos morremos...” E expirou co’a pátria.*

ALMEIDA GARRETT, *Camões* (1825)

*Brônzeo, monumental, de proporções guerreiras,  
Um épico doutro ascende, num pilar!*

CESÁRIO VERDE, *O Sentimento dum  
Occidental* (1880)

**S**e a primeira epígrafe nos fala do homem, a segunda, claramente, descreve o monumento que lhe é dedicado. Mas ambas são *representações* de Camões, leituras e leituras de leituras...

Começemos pela segunda.

No Largo Camões, em Lisboa, ergue-se o monumento ao poeta que lhe dá o nome: o vate em bronze de 4 metros coroado de louros e com uma capa pelas costas, a mão direita empunhando a espada caída e a esquerda agarrando a si *Os Lusíadas*. Em torno do pedestal de mármore branco de 7,5m de altura, 8 estátuas, de pedra de lioz, de 2,40m de altura, representam notáveis da cultura, das letras e da ciência dos sécs. XVI e XVII: os cronistas Fernão Lopes, Gomes Eanes de Azurara, João de Barros e Fernão Lopes de Castanheda, o cosmógrafo Pedro Nunes e os poetas Vasco Mouzinho de Quevedo, Jerónimo Corte-Real e Francisco de Sá de Meneses. O conjunto é da autoria do escultor Victor Bastos (1860, inaugurado em 1867, como a praça, e celebrado em 1880), foi pago por subscrição pública (foram trinta e oito contos), preparando as comemorações do terceiro centenário da morte de Camões (1880), promovidas por Teófilo Braga com o

apoio de João de Deus, Antero de Quental, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão.<sup>1</sup>

Contrapontisticamente na geografia e na faixa etária e social, em Coimbra, os Estudantes da Universidade de Coimbra promoveram, em 8/Maio/1881, o monumento de homenagem homóloga da autoria de António Augusto Gonçalves: uma coluna encimada por uma coroa de louro em bronze sobre um pedestal e com uma estátua de leão em bronze com a cabeça levantada simboliza o rei dos Poetas, elevando a fasquia do título habitual de “Príncipe”. Inaugurado em 8/Maio/1881, próximo da Porta Férrea, foi desmontado em 1948 e foi reerguido em 1983 na Rua do Arco da Traição, tendo sido novamente transferido para a Av. Sá da Bandeira (faixa central) em 2005.

Passemos à primeira epígrafe... Segundo o Visconde de Juromenha, o “Príncipe dos Poetas” teria falecido em 10 de Junho de 1580, de acordo com um documento sobre a concessão da pensão à Mãe pela sua morte. Sendo uma data mais comprovada e encerrando o ciclo de vida e obra da personalidade (razão das efemérides), será ela que será celebrada, trabalhada, evocada. O século XIX, dominado pelos ideais positivistas de progresso, pela decadência das grandes dinastias reinantes e pelo anticlericalismo, é o da reconfiguração do calendário celebratório para que “o Povo se mire”: não já o religioso, mas o das figuras representativas da “caminhada da Humanidade” na senda do “progresso”<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Mário Costa. *O Chiado pitoresco e elegante, Histórias, Figuras, Usos e Costumes*. Lisboa, Câmara Municipal Lisboa, 1987, pp. 68-70.

<sup>2</sup> O Calendário positivista (Auguste Comte, 1849), com os meses nomeados em memória de figuras históricas (Homero, Aristóteles, Arquimedes, Júlio César, São Paulo, Carlos Magno, Dante, Gutenberg, Shakespeare, Descartes, Frederico

(Afrodite). Assim, os antepassados das antigas epopeias, são, a par de Gama e dos navegadores portugueses, já mortos (Camões vem depois e narra os seus feitos) –, e por via dos deuses –, “personagens espectrais” (empregando a expressão de JG). Estabelecem-se, pois, pontes de travessia, temporais e fantásticas, com a extraordinária Epopeia d’*Os Lusíadas*. Qualquer coisa como um *duplo recuo-avanço onto-temporal*, digamos assim.]

[*Nota bene* – O facto de JG ter omitido a epopeia de Camões é sintomático de qualquer coisa (já o seu irmão, o filósofo Fernando Gil, estudou Camões: *O efeito-Lusíadas*). Mas, antes disso, talvez essa omissão ou esquecimento se deva a uma leitura muito por alto de alguns episódios

e da própria arquitectura de *Os Lusíadas*, poema belissimamente lido por FL. Sem que seja obrigatório ter lido este longo poema épico na íntegra. Tenho-o lido com a preciosa ajuda de FL. Terá JG lido FL sobre Camões? Não me parece. Quanto a esta lamentável omissão – esquecer Camões daquela maneira –, fica ao critério do leitor retirar as suas ilações.]

*Recuo perante / alguém que não está ainda aí, e inclino-me, antecipadamente um milénio, / ante seu espírito.*

[*Ich trete vor / Einem zurück, der noch nicht da ist, und beuge mich, ein Jahrtausend im / Voraus, vor seinem Geiste.*]

HEINRICH VON KLEIST

## CAMÕES, UMA INSPIRAÇÃO

Luís Vieira-Baptista

**N**o panteão dos mais luminosos membros que compõem *o tudo* de que é feito cada português, como disse Fernando Pessoa, Luís Vaz de Camões é aquele que funciona como farol para impedir o naufrágio da alma lusitana contra as falésias do banal e do desassombro.

Segundo o que ele escreveu, faltou-lhe “*o tempo e o mundo*”. E os seus “*erros, a má fortuna e o amor ardente*” ditaram o epitáfio, mandado lavar em pedra por um descendente de *D. Álvaro Gonçalves Coutinho*, o “*Magriço*” dos Doze de Portugal como se pode ler n’*“Os Lusíadas”*, 14 anos depois de o nosso poeta ter sido sepultado em campa rasa. Diz assim: “Aqui jaz Luís de Camões, / Príncipe dos Poetas do seu tempo. / Viveu pobre e miseravelmente morreu”.

Acrescento agora que, além de nós, portugueses, sermos tudo, também somos todos. Compomos, individualmente, o conjunto da *matriz lusitana* em que cada um é um somatório de *eus passados, presentes e futuros*.

E agora, quando perfazem 500 anos do nascimento do poeta, todos os portugueses sabem que a *madrugada desse dia* já era, porventura, a que todos ansiávamos para *emergirmos da noite e do silêncio* onde, *livres*, pelo menos de espírito, *habitarmos a substância do tempo*; e foi, porventura, nesse outro dia, também ele *inicial inteiro e limpo* como o outro a que se refere Sophia de Melo Breyner Andresen, quatro séculos e meio mais tarde, que depositámos a pedra angular da nossa identidade.

É, portanto, com naturalidade, que, ao escrever sobre Camões, também eu sinto que habita em mim uma parte dele. E agora é ele em mim, somos nós, somos todos, quem tem a palavra.

O fascínio que a minha *opera mater* provoca talvez tenha que ver com o facto de “*Os Lusíadas*” serem, em simultâneo, a mistura do épico com a elegia, algo com que nós, os portugueses, muito se identificam e que, talvez por isso, nunca nos deixa sermos verdadeiramente felizes.

# O MANIQUEÍSMO TRANSCENDENTAL DE DEUS-SATÃ NA TEOMETAFÍSICA DE RAUL LEAL

Samuel Dimas

## INTRODUÇÃO: ENCARNAÇÃO DO PROFETA HENOCH NA MISSÃO SALVÍFICA DO REINO DO ESPÍRITO

Licenciado em Direito na Faculdade de Coimbra, Raul de Oliveira de Sousa Leal, nascido em Lisboa em 1886, assume uma perspectiva espiritual monárquica e desenvolve uma teometafísica utópica de harmonia universal com base num sincretismo religioso e esotérico inspirado no filósofo egípcio Hermes Trismegisto, místico do sol e do fogo que é um dos mais importantes ideólogos da *Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis*. Dessa maneira, define-se como um predestinado com a missão mística de anunciar o advento do Reino do Espírito Santo ou Sagrado Paraclete: “Ora, foi aos dois anos de idade (...) que o profeta Henocho ou Hermes Trismegisto se encarnou em mim (...) marcando, assim, a passagem de um estado meu, simplesmente humano; terreno, indivino, para um estado sobrenaturalizante”<sup>1</sup>.

Amigo de Fernando Pessoa, de Mário de Sá Carneiro e de Almada Negreiros, colabora no primeiro modernismo e recupera a esperança soteriológica do Quinto Império Bíblico sob a noção messiânica de redenção do mundo. Inspirado pela teosofia joaquimita da idade redentora do espírito (Idade Paracletiniana), guiada providencialmente ou teleologicamente por Deus para aperfeiçoar e corrigir a idade do cristianismo, Raul Leal sente-se predestinado pelo Sagrado Espírito Divino para colaborar na obra de salvação do mundo e da humanidade da sua condição mortal de injustiças, guerras

e ódios: “(...) será esse o Sentido Esotérico, o culto da próxima História Redentora, guiada providencialmente por Deus, essencializado em nós, Portugueses, que assim realizamos o sonho Sebastianista, o Sonho Paracletiano do Quinto Império Bíblico ou Terceiro Reino Divino”<sup>2</sup>.

O pensamento utópico de Raul Leal, um dos fundadores do futurismo português, insere-se na forma alternativa de pensar do final do séc. XIX, que recusa o positivismo puro e recorre aos visionarismos espiritualistas de Joaquim da Flora e de Bandarra sobre a instauração na terra de uma vida plena de harmonia entre o homem e a natureza. Mas a sua visão de harmonia implica a fusão divino-satânica do bem e do mal, invertendo a perspectiva tradicional gnóstica de separação redentora. Através da leitura astral do seu ano de batismo teosófico, o ano de 1888 cujos três oitos significam a perfeição da unidade infinita, considera que o oito tem uma significação contrastante, ou seja, simultaneamente maléfica e benéfica enquanto expressão do “Espírito Santo de Deus-Satã” (*ibidem*, p. 489).

Esta perspectiva espiritualista da fusão entre o bem e mal, a eternidade e a temporalidade, constitui-se como o pressuposto hermenêutico de toda a sua metafísica e é definida pelo próprio autor através da noção de “maniqueísmo transcendental”, seguindo a mesma lógica de Fernando Pessoa que, para superar a visão monista tradicional de panteísmo usa a expressão “transcendentalismo panteísta”. Na procura da Existência Pura desenvolve este sistema metafísico de identidade substancialmente unificadora, também denominado de “Vertiginismo

<sup>1</sup> Cf. Raul Leal, “O meu destino terrestre-astral biomanticamente expresso”, in Manuel Gandra (org.), *Profética Lúsiada – a idade paracletiana*, Mafra, 2020, p. 488.

<sup>2</sup> *Idem*, “O sentido esotérico da História”, in *Profética Lúsiada – a idade paracletiana*, p. 480.

# CARLOS DUGOS (1943-2025): ENTRE AS MARGENS DO TEMPO E DO SAGRADO

José Almeida

**J**ornalista, artista, pensador e romancista, viveu em contramão face à inversão dos valores do seu tempo. A singularidade de Carlos Dugos, plasmou-se no comprometimento entre a vida, o pensamento e a obra. Foi um homem diferenciado que se afirmou através do seu trabalho, deixando uma profunda marca entre todos aqueles tiveram a honra de poder conviver consigo. Alma antiga, mas de espírito jovem, desafiou o próprio tempo, inscrevendo o seu nome para lá dos anais.

Ligava-me todos os anos pelo dia do meu aniversário. No passado 10 de Junho, não o fez. A sua saúde não lhe permitiu. Estranhei, pois não sabia do seu estado. Afinal, Carlos Dugos não era homem de lamentos ou queixumes. Pelo contrário, era aquilo a que podemos chamar de aristocrata do espírito, recordando figuras superiores como o filósofo Afonso Botelho, ou o poeta Rodrigo Emílio. A sua partida, ocorrida durante a manhã de 17 de Junho, apanhou amigos e admiradores de surpresa. O sentimento foi de profunda tristeza e saudade, pois nunca estamos preparados para a partida das nossas figuras maiores.

Nascido em Lisboa, em 1942, passou pela Moçambique Portuguesa, entre 1958 e 1967, onde se tornou jornalista, dando particular ênfase ao jornalismo de investigação. Uma actividade importante, desempenhada até pouco depois do 25 de Abril, que lhe permitiu apurar a sua escrita e desenvolver as qualidades ensaísticas e inquisitivas que, mais tarde, ficariam bem patentes nos seus romances e ensaios sobre simbólica e filosofia.

São desse período de grande instabilidade e cessação política em Portugal as obras *Revolução em Perigo*, *Descolonização Portuguesa*

– *O malogro de dois planos* e *MDLP-ELP: O que são?*, que reflectem uma fase mais interventiva no campo político. A última, por exemplo, foi escrita na sequência da sua passagem por Madrid, onde teve a oportunidade de conhecer personalidades históricas como Otto Skorzeny e Léon Degrelle.

## A ENTREGA À PINTURA E ARTE SIMBÓLICA

A passagem por África foi bastante importante para o percurso artístico de Carlos Dugos. Em Lourenço Marques, frequentou a escola artística Núcleo de Arte – à época dirigida pelo pintor João Ayres –, na qual trabalhou na companhia de artistas renomados como Malangatana, José Júlio, Álvaro Passos, entre outros.

Com o regresso a Portugal e à “velha Europa”, Carlos Dugos distanciou-se do jornalismo para se dedicar à pintura e, mais tarde, também à escrita, encarnando assim várias dimensões do homem colectivo preconizado por Carl Gustav Jung. Em ambos os casos, assistiu-se a prolongamento natural da sua criatividade, mundividência e idiosincrasias.

A sua obra pictórica inscreveu-se na tradição simbólica portuguesa, com origem nos chamados “primitivos portugueses”. Uma tradição que se desenvolveu através dos séculos pelas mãos de incomparáveis mestres como Nuno Gonçalves, Francisco de Holanda, Almada Negreiros, ou Lima de Freitas, personalidade com quem partilhava grandes afinidades estéticas e intelectuais.

Carlos Dugos incorporou na sua obra pictórica sabedoria e tradição, tornando-se naquilo a que poderemos designar de “pintor culto”, recordando a excelência multifacetada do génio



*Celebração do dia de Reis de 2025 – na casa de Antônio Braz Teixeira.*

Segundo o Islão, o único pecado que Deus não se dispõe a perdoar é a idolatria, ora, acontece que reduzir o Mistério de Deus às suas interpretações histórico-culturais é a maior das idolatrias, não permitindo o ecumenismo religioso. O Islão defende que os profetas são seres humanos perfeitos que nunca cometeram pecados e que o Alcorão é o verbo de Deus. Estas afirmações pressupõem o acesso da nossa realidade finita à posse da verdade objetiva e absoluta de ordem infinita. Ora, cada religião defende possuir a verdade absoluta infinita. Como só pode haver uma verdade absoluta, o confronto e a discriminação entre povos e culturas na reivindicação da posse por essa verdade torna-se algo de inevitável e trágico. Pressupor que qualquer texto sagrado não inclui a interpretação humana e que é um ditado de Deus ou o próprio Deus é a maior de todas as idolatrias e esse erro é o pecado original que tem conduzido a muitas injustiças e guerras ao longo da História. Só pela mística, pela doutrina, pelo dogma e pela teologia não é possível aceder a esta compreensão, precisamos da sabedoria filosófica analógico-metafórica da racionalidade conjetural e metafórica para acolhermos o Mistério do Ser divino. Temos de recuar da ideologia dogmática religiosa (no plano do senso comum, do mito, da superstição mágica, ou da predicação sociológica e científica) à essência espiritual da relação com o divino, por via de uma metafísica

fenomenológico-hermenêutica (antropologia, teoria do conhecimento, cosmologia, ontologia, teologia filosófica), para recuperarmos a experiência religiosa num nível superior de compreensão que esteja a montante e a jusante dos conflitos sociológicos.

### **PARA UMA INTELIGIBILIDADE MISTÉRICA, NÃO IDEOLÓGICA E NÃO ANACRÔNICA**

Mas se é verdade que subjetivamente todas as religiões têm igual valor, na mediação com o divino, objetivamente encerram muitas diferenças filosófico-teológicas e cosmológicas que nos permitem ajuizar a sua validade. Atualmente, o cristianismo católico é a religião com maior elaboração filosófica e teológica e com maior diálogo multidisciplinar e interdisciplinar, nomeadamente com as ciências da natureza, destacando-se do cristianismo protestante e das outras religiões na compreensão mais adequada da realidade natural e humana. Dirão que esta afirmação é apologética, mas eu defendo que não, porque, ao mesmo tempo, considero que no cristianismo católico a maioria dos líderes religiosos e dos fiéis não se regem por esta exigência interdisciplinar, mas sim por uma ingénuo obediência ao dogmatismo mítico e à ideologia religiosa. A minha abordagem é sempre filosófico-teológica e nunca apologético-dogmática.